

DOI: <http://dx.doi.org/10.20396/san.v26i0.8653143>

A comensalidade nas crônicas de Rubem Braga. Gonzales & Oliveira



SEGURANÇA
alimentar e nutricional

“É verdade que jamais comeu angu de fundo de panela?”:

a comensalidade nas crônicas de Rubem Braga

Ana Beatriz Gonzalez¹ e Julicristie Machado de Oliveira²

Este estudo buscou analisar e compreender os sentidos do comer e da comida nas crônicas de Rubem Braga, por meio de um paralelo entre comida e literatura, especialmente no que tange à comensalidade. Fez-se a leitura interpretativa, com reflexão crítica, de dezesseis livros de crônicas de Rubem Braga. Posteriormente, foram selecionadas cinco crônicas nas quais foram identificados trechos que evidenciaram a comensalidade. Assim, realizou-se uma análise reflexiva sobre cada uma das crônicas escolhidas, estabeleceu-se um paralelo com conceitos discutidos em textos que formaram o arcabouço teórico para tal análise. A comensalidade está presente nas crônicas de Rubem Braga quando o autor, a partir de fatos cotidianos, descreve e reflete sobre a presença da comida em contextos de partilha e de relações afetivas. O autor confere relevância ao ato de comer e à comida que podem tanto afastar, ao identificar a comida como marca de distinção social, ou aproximar, ao descrever as relações das pessoas em momentos de partilha, especialmente quando valoriza os sabores simples, caseiros e artesanais. Tendo em vista a análise e compreensão das crônicas de Rubem Braga, conclui-se que a literatura pode dar sentido ao processo de construir uma compreensão ampliada da comensalidade, ou seja, das inter-relações entre a sociabilidade, o comer e a comida.

Palavras-chave: Rubem Braga, crônica, comida, comensalidade.

“Is it true that you never ate corn porridge from the botton of a pot?”:

the commensality in the Rubem Braga chronicles

This study aimed to analyze and understand the meaning of eating and food in the Rubem Braga chronicles, by a parallel between food and literature, especially regarding to commensality. The interpretive reading, with critical reflection, of sixteen books of the Rubem Braga chronicles was performed. Subsequently, five chronicles were selected in which sections that evidenced commensality. Thus, a reflexive analysis was performed on each elected chronicle, establishing a parallel with concepts discussed in texts that formed the theoretical framework for such analysis. Commensality is present in the Rubem Braga chronicles when the author, based on daily facts, describes and reflects on the presence of food in contexts of sharing and affective relationships. The author confers relevance to the act of eating and food that can either be regarded by identifying food as a mark of social

¹Nutricionista. Faculdade de Ciências Aplicadas – FCA/UNICAMP. Endereço para correspondência: Rua Pedro Zaccaria, nº 1.300, Jardim Santa Luiza, Limeira, SP. CEP: 13484-350. Tel. (19) 37016720. E-mail: ana_biagon@hotmail.com

²Professora Doutora. Faculdade de Ciências Aplicadas – FCA/UNICAMP. Endereço para correspondência: Rua Pedro Zaccaria, nº 1.300, Jardim Santa Luiza, Limeira, SP. CEP: 13484-350. Tel. (19) 37016720. E-mail: julicristie.oliveira@fca.unicamp.br

distinction, or bond, by describing the relationships of people in sharing moments, especially when valuing simple, homemade and artisanal flavors. In order to analyze and understand the Rubem Braga chronicles, it is concluded that literature can give meaning to the process of constructing an extended understanding of commensality, that is, of the interrelationships between sociability, eating and food.

Keywords: Rubem Braga, chronicle, food, commensality.

INTRODUÇÃO E OBJETIVOS

A literatura, em sua condição de linguagem, tem interface com outras expressões culturais, como cinema e música, que apresentam a potencialidade de contribuir com diferentes olhares para um determinado assunto e possibilitar um diálogo travado por múltiplas linguagens, rumo a outro patamar de discernimento^[1]. Dessa forma, pode-se expandir tais diálogos para outras expressões culturais, como a alimentação, a comida e o comer, objetos de estudos das Ciências Humanas e Sociais^[2].

Algumas obras da literatura revelam de forma interessante esse diálogo, pois se encontra, em suas linhas e parágrafos, a descrição dos sentimentos no processo de cultivo, de seleção alimentar, de preparo de pratos e refeições, de partilha e das relações sociais, dentre outros^[3], tornando-se motes para um entendimento ampliado do comer e da comida.

Esse trânsito da literatura com outras expressões culturais e com as ciências, porém, torna-se desafiador à medida que se faz necessária uma outra abordagem que busque minimizar as distâncias disciplinares, transgredir as fronteiras dos conhecimentos, religar saberes e superar a fragmentação^[1,3].

O comer e a comida são categorias históricas, assim transformam-se constantemente^[4]. Em *Memórias Gastronômicas*, Dumas^[5] apresenta os fatos ocorridos na França e Europa imperial, no qual relata almoços e ceias magníficas, a apreciação aos pratos feitos por gastrólogos e a riqueza na elaboração. Mas, a partir da revolução industrial, com o processo de urbanização e a globalização, houve muitas mudanças, e, com elas, novas formas de se alimentar emergiram, especialmente relacionadas ao advento dos alimentos rápidos, semi-prontos ou prontos para o consumo^[6].

Por consequência, tais processos de mudanças provocam intensa reflexão sobre o ato de comer, fazendo com que conceitos como a comensalidade se tornem objetos relevantes de compreensão, além de se legitimar como tema de estudo nas Ciências Humanas e Sociais^[7].

Tendo em vista as interrelações apresentadas, o objetivo deste trabalho foi analisar e compreender os sentidos do comer e da comida nas crônicas de Rubem Braga, especialmente no que tange à comensalidade.

MATERIAL E MÉTODOS

Nascido em Cachoeira de Itapemirim, e, por consequência, conhecido também como o “cronista capixaba”, Rubem Braga é considerado o maior cronista brasileiro, particularmente em decorrência de sua qualidade literária e por ter escolhido o gênero como único para suas obras. Fez-se da crônica não um simples texto literário como muitos a viam, mas sim uma expressão em que se podia escrever a vida com liberdade^[8].

Sendo característico do autor escrever dialogando com o leitor, como se fosse uma conversa, ao fazer uso de uma linguagem mais oral. Nas crônicas de Rubem Braga, ficção e realidade fundem-se em suas descrições de fatos simples e cotidianos, especialmente os relacionados à observação da natureza^[8]. A relação com o comer e a comida também está constantemente expressa em suas obras e revelam sensibilidade e simplicidade ao contextualizar a relevância que certos alimentos, bebidas e plantas comestíveis adquiriam em determinados momentos, lugares, situações e relações sociais.

Quanto à crônica, trata-se de um texto literário com característica de ser uma narrativa condensada e linear, que conta algo do presente e expõe algum flagrante da vida, que pode ser corriqueiro, pitoresco, real ou imaginário^[8].

Para analisar e compreender os sentidos do comer e da comida nas crônicas de Rubem Braga, realizou-se a leitura de dezesseis livros de sua autoria, sendo esses: *200 crônicas escolhidas*^[9], *O verão e as mulheres*^[10], *Ai de ti Copacabana*^[11], *Casa dos Braga – Memórias da infância*^[12], *Recado de primavera*^[13], *A borboleta amarela*^[14], *As boas coisas da vida*^[15], *Histórias do homem rouco*^[16], *Um pé de milho*^[17], *Um cartão de Paris*^[18], *A traição das elegantes*^[19], *Crônicas da guerra na Itália*^[20], *Crônicas do Espírito Santo*^[21], *O homem rouco*^[22], *O conde e o passarinho*^[23] e *O lavrador de Ipanema*^[24]. A análise foi realizada por meio da leitura e da reflexão crítica sobre as crônicas.

Ao final da leitura dos 16 livros, fez-se a seleção de 12 crônicas que refletiam e evidenciavam o comer e a comida (ou bebida), sendo que dessas, cinco se referiam à comensalidade. Sendo estas: *As meninas; Eu e Bebu na hora neutra da madrugada; As duas horas da tarde do domingo; Havia um pé de romã e Passeio na infância*.

Dessas cinco crônicas selecionadas, realizou-se a análise reflexiva, com registros de trechos, descrição dos momentos de partilha e de suas lembranças relacionadas ao comer e a comida (ou bebida). A partir desses registros, foi realizada uma interpretação individualizada de cada crônica, com o intuito de captar o que foi descrito e vivenciado por Rubem Braga como comensalidade, relacionando com conceitos discutidos por diferentes autores para ampliar a possibilidade de interpretação. Assim, amparou-se em referenciais das Ciências Humanas e Sociais.

Nesse sentido, como suporte teórico para as interpretações, foram realizadas a leitura e o fichamento dos livros *Comer*, de Fischler&Masson^[6]; *O mundo na cozinha: história, identidade, trocas*, organizado por Montanari^[25]; *Memórias gastronômicas*, de Dumas^[5]; *A fabulosa história dos legumes*, de Bloch-Dano^[26]; *Alimentação, sociedade e cultura*, de Contreras&Gracia^[27]; além de artigos de outros autores, que contribuíram para o aprofundamento conceitual, análise e interpretação sobre aspectos relacionados ao comer, à

comida(ou à bebida) e à comensalidade nas crônicas de Rubem Braga.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A comensalidade pode ser definida como o momento de partilha de alimentos. É derivada da palavra “*mensa*”, do latim, que significa conviver à mesa, ou seja, além da comida, abrange a forma como essa será apresentada e com quem será compartilhada^[28]. Entende-se, então, a comensalidade como representação das relações sociais com outras pessoas, um acontecimento, um momento de compartilhar sentimentos e alimentos, em volta da mesa^[29].

Segundo Contreras&Gracia^[27], a comensalidade é um comportamento pelo qual consegue-se classificar e indicar o grau de compatibilidade e de aceitação ou rejeição entre as pessoas. Nesse sentido, a comida oferecida aos comensais pode representar estima ou interesse, já que permeia as relações de acordo com o parentesco, compromisso, simpatia e gratidão envolvidas no momento em que se come^[27].

A comensalidade tem sua relevância também na integralidade das relações sociais, pois ocorre um compartilhamento não só da comida, mas das sensações produzidas na refeição^[30]. Ademais, a atitude de partilhar, ato que pode parecer simples e ao mesmo tempo de enorme prestígio, é ainda mais enaltecida quando envolve sentimentos que podem se tornar lembranças impressas nas memórias gustativas e que podem ser reavivadas ao sentir o gosto, aroma ou textura de certas comidas^[31].

Na crônica *As meninas*, Rubem Braga descreve a cena de duas crianças brincando no mar, uma com vestido azul e a outra de vestido verde, que lhe contagia a manhã com muita alegria.

“Eu devia estar triste quando vi as meninas, mas deixei um pouco minha tristeza para mirar com um sorriso a sua graça e a sua felicidade. Senti talvez necessidade de mostrar a alguém: “veja, aquelas duas meninas...” Mostrar à toa; ou, quem sabe, para repartir aquele instante de beleza como quem reparte um pão, ou um cacho de uvas em sinal de estima e de simplicidade; em sinal de comunhão; ou talvez para

disfarçar a minha silenciosa angústia.” (Braga, 2010, p. 438)

Nessa crônica, o autor traça um paralelo entre compartilhar bons momentos, ou seja, a alegria em ver duas meninas brincando no mar, como quem partilha o que se tem de melhor, no caso, o pão e o cacho de uvas. Assim, há uma valorização da comensalidade, como é discutida por Fischler&Masson^[6] em relação ao seu papel de manter laços afetivos, partindo-se da analogia com a simbologia eucarística que representa um ato de partilha considerado sagrado e que une e estabelece vínculo de confiança com quem se divide.

A comensalidade, então, é percebida em outras crônicas do autor, como em *Eu e Bebu na hora neutra da madrugada*. Rubem Braga descreve o dia que compartilhou com o diabo, o Bebu. No início, existia o sentimento de constrangimento e medo, mas com o passar do dia, o autor se acostumou com o fato, até que, à noite, trava como Bebu uma conversa mais à vontade, pois discutem o bem e o mal à medida que partilham garrafas e goles de cerveja:

“...a madrugada tem uma hora neutra que há muito tempo só observo, é quando passo a tarde toda trabalhando, e depois ainda trabalho até meia noite na redação. Estou fatigado, mas não me agrada dormir. E aí que vem, não sei como a hora neutra. Eu e Bebu ficamos diante de uma garrafa de cerveja em um bar qualquer. Bebemos lentamente sem prazer e sem aborrecimento. Na minha cabeça havia uma vaga sensação de efervescência, alguma coisa morna, como um pequeno peso. Isso sempre me acontece: é a madrugada, depois de um dia de trabalheiras cacetes. Conversamos não me lembro sobre o quê. Pedimos outra cerveja. Muitas vezes pedimos outra cerveja.” (Braga, 2010, p. 63)

Percebe-se nesse trecho que a partilha da bebida tem a função de aplacar o cansaço após um dia intenso de trabalho. Segundo Magalhães^[32], o beber é rodeado de simbolizações e rituais, e é considerado um elemento de comensalidade que garante um encontro mais recreativo.

Na crônica *As duas horas da tarde do domingo*, há a descrição de várias situações que aconteciam nesse horário no domingo, situações banais e outras mais importantes, entre estas:

“...os olhares, os horários, os esquemas da vida civil, as famílias com seus radicais, suas feijoadas dominicais, os encontros de esquina...” (Braga, 2010, p.445)

O autor representa nesse trecho a rotina dos almoços no domingo, caracterizados por refeição composta por preparações mais elaboradas, e que muitas vezes são partilhadas com mais pessoas, geralmente marcando um encontro familiar ou com amigos. Tal comensalidade pode ser considerada como um ritual de domingo, que representa o primeiro dia da semana e é o típico dia de descanso. Ademais, há outras formalidades, como o uso de uma vestimenta mais bonita, “a roupa de domingo”, que combinada com as preparações culinárias mais apetitosas, “a comida de domingo”, marca o dia especial da semana, quando se partilha, com os mais próximos, comidase alegrias.

Em *Havia um pé de Romã* o autor, ao observá-lo num quintal de uma cidade estranha, relembra a distribuição das árvores de sua infância, de sua cidade natal, de acordo com os quintais das famílias. De forma sutil, o autor pontua a comensalidade e a comida como marca de distinção social. Ter algumas árvores que ofereciam frutos potencialmente comestíveis marcavam uma certa importância na sociedade da sua infância, como pode se observar nos seguintes trechos:

“Nossa própria casa tinha alguma importância devido à fruta-pão e aos cajus...” (Braga 2013a, p. 29)

“... havia, por exemplo, a chácara do Dr. Mesquita, que tinha mangas soberbas, defendidas por imensos cachorros. (...) Uma das árvores que tinha mais prestígio era uma oliveira. Era só um pé, e estava nos altos do Jardim Público, perto do chamado banco dos Amores. Não dava frutos. Não sei quem teve a fantasia de plantá-la em um lugar e clima tão impróprios, mas de algum modo era importante haver em nossa cidade uma oliveira, árvore que produz azeitonas, azeitonas que produzem azeite; tudo isso era cultura para nossa infância.” (Braga 2013a, p. 30)

“...também era importante possuir uma tamareira, embora as tâmaras fossem insignificantes. Um tio nosso tinha prestígio devido ao cajá-manga; outro, morador longe, na Vila, devido aos jambos. (...) Havia as frutas sem dono, vulgares: mamão, goiaba,

araçá, jenipapo, ingá. Mas que prestígio tinham as romãzeiras da casa dos Martins! A gente gostava mais de carambola, mas a romãzeira, como era linda a flor! A fruta se rachava de madura no começo do verão...” (Braga 2013a, p. 31)

Dessa forma, pela ótica do autor, a posse conferia, assim, um grau de relevância, algo que poderia fazer supor o que seria de famílias mais ou menos abastadas. As frutas vulgares e sem donos são nativas da nossa biodiversidade: mamão, araçá, jenipapo, ingá... Nos demais trechos, apesar de serem citadas algumas frutas nativas, outras são consideradas mais relevantes como a manga, a tâmara, e uma oleaginosa, a azeitona, que não são originárias da América e foram introduzidas pelas migrações. Aponta, assim, as possibilidades do que se pensa ser comida de rico ou de pobre. Essa ideia fica especialmente evidenciada, porém, em outra crônica, o *Passeio na Infância*, principalmente nos trechos:

“Converte-se bela mulher estranha numa simples menina de pernas magras e vamos passear nessa infância de uma terra longe. É verdade que jamais comeu angu de fundo de panela? (...) Agora são três horas da tarde, as galinhas lá fora estão cacarejando de sono, você gosta de fruta pão assada com manteiga? Eu lhe dou aipim ainda quente com melado. Talvez você fosse como aquela menina rica, de fora, que achou horrível nosso pobre doce de abóbora e coco.” (Braga 2013b, p. 73)

Ao se deparar com uma mulher estranha, desconhecida, o autor propõe a ela uma odisséia por memórias de sua infância. Dentre convites para brincadeiras, passeios e peripécias, Rubem Braga oferece comida, revela possíveis transgressões dos bons modos à mesa, como comer o angu que ficou no fundo de uma panela. Questiona ainda, o que seria do gosto da menina-mulher: fruta-pão com manteiga, aipim quente com melado. Fica revelado o receio de um distanciamento, de um amor impossível, ao se colocar em situação menos privilegiada quando comparado à menina rica.

De acordo com Fischler&Masson^[6], a comensalidade é uma prática social que pode tanto excluir como incluir certas pessoas ou grupos – ela expõe de forma clara as relações íntimas e circunscreve a quem se permite a partilha naquela mesa ou daquela refeição. Portanto, a comensalidade reflete as distinções sociais.

No receio revelado na crônica *Passeio na Infância*, há uma menina rica que talvez não goste de comida de pobre, o doce de abóbora e coco, e que não iria gostar, conseqüentemente, do menino que oferece a sobremesa. Uma diferença social revelada no comer que impossibilitaria, dessa forma, a relação amorosa. Ademais, a busca por um passeio na infância seja a saída para um desejo, um amor não realizável. A tentativa de trazê-la para as memórias das idades tenras torna-se uma forma de guardá-la, de eternizá-la, mas esse plano pode falhar quando se depara com a distância que está impressa, revelada na e pela comida.

CONCLUSÃO

Em conclusão, a aproximação literatura e alimentação constitui-se uma mesa farta de motes para a construção de conhecimentos fronteiriços, interdisciplinares. Alguns pesquisadores brasileiros têm se esforçado em empreender uma reflexão sobre o Campo de Estudos em Alimentação e Nutrição, especialmente no que tange a tais aspectos interdisciplinares e nas interfaces com as Ciências Humanas e Sociais. Prado e colaboradores^[33] buscaram identificar seus diferentes aspectos a partir das taxonomias oficiais utilizadas pelas agências de fomento e o diretório de grupos de pesquisa do conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq. As autoras observaram que uma fatia importante das pesquisas, especialmente de cunho sócio-antropológico, voltam-se para as interfaces com a cultura. Iniciativas que contemplam as artes, especialmente cinema e literatura, também foram identificadas, apesar de em menor quantidade. Essas inclinações, porém, tem a visibilidade comprometida pela ausência de um espaço para a Alimentação e Cultura nas taxonomias institucionais das agências de fomento, o que por uma série de razões, podem impactar a vitalidade e a legitimação dessas iniciativas^[33].

Assim, acredita-se que a crônica também pode oferecer um rico material quando se almeja um entendimento ampliado sobre o comer e a comida. Dessa forma, é pertinente a tentativa de conhecê-la enquanto gênero literário. Simon^[34,35] discorre sobre os olhares de diferentes críticos para a crônica. Segundo o autor, há claras menções e posicionamentos que a consideram menos importante, especialmente em relação ao contraponto lirismo *versus* prosaísmo. Há uma certa compreensão, por parte dos críticos

literários, de que as crônicas teriam menos importância por versarem sobre fatos do dia-a-dia, corriqueiros, o que por consequência, as tornariam prosaicas, simplórias. Há, porém, os que defendem seu potencial lírico, especialmente nas obras de alguns cronistas.

Por fim, Onfray^[36] comenta que do ato de comer uma fruta colhida no pé há o surgir de uma poesia. Desdobrando o entendimento do autor, acreditamos que há também a possibilidade de surgir uma crônica.

A obra de Rubem Braga, de forma específica, constitui-se em um rico *buffet* de variedades para se pensar sobre a alimentação e outras interseções, pois estão impressos nos seus textos a valorização da comida tradicional e reflexão sobre as posições sociais. Assim, conclui-se que a literatura pode dar sentido ao processo de construir uma compreensão ampliada da comensalidade, ou seja, das inter-relações entre a sociabilidade, o comer e a comida.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos ao Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica – PIBIC/CNPq pelo financiamento do projeto por meio de concessão de bolsa.

REFERÊNCIAS

- [1] Olinto KH, Schollhammer KE (Org.) Literatura e Cultura. Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio; 2008.
- [2] Santos CRA. A comida como lugar de história: as dimensões do gosto. Rev. História: Questões & Debates. 2011;54:124-133.
- [3] Pinto VLX, Medeiros M (Org.) Literatura e Alimentação: *Delicatessen* na formação em saúde. Natal: EDUFRN; 2011.
- [4] Santos CRA. Alimentação e seu lugar na história: os tempos das memórias gustativas. Rev. História: Questões & Debates. 2005;11:35-42.
- [5] Dumas A. Memórias gastronômicas. Rio de Janeiro: Editora Zahar; 2005.
- [6] Fischler C, Masson E. Comer: a alimentação de franceses, outros europeus e americanos. São Paulo: Editora SENAC São Paulo; 2010.
- [7] Azevedo E. Alimentação, sociedade e cultura: Temas contemporâneos. Rev. Sociologia. 2017;44(19):276-307.
- [8] Antonio L. Rubem Braga: Os itinerários de um cronista do rio. Rev. Estação Literária. 2013;11:103-118.
- [9] Braga R. 200 Crônicas Escolhidas. 33a Edição. Rio de Janeiro: Record; 2010.
- [10] Braga R. O verão e as mulheres. 4a Edição. Rio de Janeiro: Record; 1986.
- [11] Braga R. Ai de ti Copacabana. Rio de Janeiro: Record; 1999.
- [12] Braga R. Casa dos Braga – memórias da infância. Rio de Janeiro: Record; 2002.
- [13] Braga R. Recado de primavera. 8a Edição. Rio de Janeiro: Record; 1998.
- [14] Braga R. A borboleta amarela. 10a Edição. Rio de Janeiro: Record; 1998.
- [15] Braga R. As boas coisas da vida. Rio de Janeiro: Record; 2012.
- [16] Braga R. Histórias de um homem rouco. Rio de Janeiro: Record; 1998.
- [17] Braga R. Um pé de milho. 33a Edição. Rio de Janeiro: Record; 1993.
- [18] Braga R. Um cartão de Paris. 2a Edição. Rio de Janeiro: Record; 1997.
- [19] Braga R. A traição das elegantes. 4a Edição. Rio de Janeiro: Record; 2008.
- [20] Braga R. Crônicas da guerra na Itália. Rio de Janeiro: Record; 1985.
- [21] Braga R. Crônicas do Espírito Santo. 3a Edição. São Paulo: Global; 2013.
- [22] Braga R. O homem rouco. Rio de Janeiro: O Dia; 1987.
- [23] Braga R. O conde e o passarinho. 5a Edição. Rio de Janeiro: Record; 1982.
- [24] Alves JC, Araujo L (Org.) O lavrador de Ipanema – crônicas de amor à natureza. Rio de Janeiro: Record; 2013.
- [25] Montanari M (Org.) O mundo na cozinha: história, identidades, trocas. São Paulo: Estação Liberdade Senac; 2009.
- [26] Bloch-Dano E. A fabulosa história dos legumes. São Paulo: Estação Liberdade; 2011.
- [27] Contreras J, Gracia M. Alimentação, sociedade e cultura. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz; 2011.

[28] Moreira SA. Alimentação e Comensalidade: aspectos históricos e antropológicos. *Rev. Ciência e Cultura*. 2010; 62(4):23-26.

[29] Corção M. Memória gustativa e identidades: de Proust à cozinha contemporânea [Internet]. 2006. [acesso em 28 mar 2015]. Disponível em: <http://historiadaalimentacao.ufpr.br>

[30] Carneiro HS. Comida e Sociedade: significados sociais na história da alimentação. *Rev. História: Questões & Debates*. 2005;71:42-80.

[31] Santos BS. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia dos saberes. *Rev. Crítica de Ciências Sociais*. 2007;78:46-73.

[32] Magalhães DMG. Vinho: práticas, elogios, cultos e representações em questão na sociedade portuguesa. *Sociologia, Problemas e Práticas*. 2000;32:21-9.

[33] Prado SD. Bosi MLM. Carvalho MCVS. Gugelmin AS. Silva JK. Delmaschio KL. *et al.* A pesquisa sobre alimentação no Brasil: sustentando a autonomia do campo Alimentação e Nutrição. *Ciênc. Saúde Coletiva*. 2011;16(1):107-119.

[34] Simon LCS. Rubem Braga e a arte do cotidiano. *Itinerários*. 2008;26:161-172.

[35] Simon LCS. A couve, o corvo e outras imagens da crônica de Rubem Braga. *Organon*. 2013;28(55):103-114.

[36] Onfray M. A biografia do legume. In: Bloch-Dano E. *A fabulosa história dos legumes*. São Paulo: Estação Liberdade. 2011. p. 07-17.